



ESTADOS UNIDOS

Inocência tardia

Cinquenta e seis anos depois do assassinato de Malcolm X, líder ativista dos direitos dos negros, dois homens acusados pelo crime e presos por duas décadas serão absolvidos hoje. Julgamento foi marcado por erros e omissões

» RODRIGO CRAVEIRO

Khalil Islam morreu em 2009, aos 74 anos, dos quais 21 passou na cadeia. Muhammad A. Aziz, 83, esteve encarcerado entre 1966 e 1985. Condenados à prisão perpétua e beneficiados com a liberdade condicional, os dois sempre lutaram para provar à Justiça que ela estava errada. Quase seis décadas depois do assassinato do ativista em defesa dos direitos dos negros Al Hajj Malik Al-Shabazz — mais conhecido como Malcolm X —, Islam e Aziz serão absolvidos do crime e terão os nomes limpos. “Esses homens não tiveram direito à justiça que mereciam”, disse ao jornal *The New York Times* Cyrus Vance, promotor de Manhattan. Ele afirmou que dará uma entrevista, hoje, após “a anulação das condenações injustificadas”. Malcolm X foi morto a tiros em 21 de fevereiro de 1965, quando se preparava para discursar no Audubon Ballroom, em Nova York.

Vance explicou que uma investigação de 22 meses, conduzida pela Promotoria de Manhattan e pelos advogados de Aziz e de Islam, constatou que o julgamento foi marcado por erros e omissões. Ela descobriu que o FBI (a polícia federal americana) e o Departamento da Polícia de Nova York esconderam evidências que levariam à absolvição de ambos.

“Feliz”

Contatado pelo **Correio**, o escritório de advocacia que representa Aziz enviou uma declaração atribuída a ele. “Os eventos que nos trouxeram à Corte hoje jamais deveriam ter ocorrido. Foram, e são, resultado de um processo que foi corrompido em seu núcleo”, afirmou

Wikipedia/Reprodução



Da juventude delituosa à redenção

Malcolm Little, depois rebatizado com o nome islâmico Al Hajj Malik Al-Shabazz e conhecido como Malcolm X (D), foi um dos principais símbolos da luta pelos direitos civis nos Estados Unidos e pelo fim do preconceito racial, ao lado de Martin Luther King Jr (C). Porta-voz do grupo Nação do Islã, Malcolm X nasceu em 19 de maio de 1925 em Omaha (Nebraska), filho de um palestrante batista e de uma repórter. Depois da morte do pai e da doença da mãe, ele passou por lares adotivos e se envolveu em vários crimes. Em 1946, foi condenado a dez anos de prisão por furto e invasão de domicílio. Foi na prisão que ele se uniu à Nação do Islã e adotou o nome Malcolm X. Após cumprir a sentença, passou a defender o empoderamento dos negros e a separação dos americanos brancos e de cor. Também criticou publicamente King pela ênfase à não-violência. Em 21 de fevereiro de 1965, depois de acusar o próprio grupo de desejar matá-lo, Malcolm X foi assassinado com um tiro no peito.



Sou um homem de 83 anos que foi vitimado pelo sistema de justiça criminal e não sei quantos anos mais tenho para ser criativo”

Muhammad A. Aziz,
83 anos

prisão por um crime que não cometeram. Eles foram privados de sua liberdade no auge de suas vidas e marcados como assassinos de um líder dos direitos civis”, comentou.

Ainda segundo Shanies, as famílias de Muhammad e de Khalil suportaram décadas de dor e de sofrimento. “Os eventos trágicos e injustos do passado jamais poderão ser apagados, mas absolver estes homens é uma afirmação justa e bem merecida de seu verdadeiro caráter”, admitiu o defensor. Por sua vez, a também advogada Deborah François disse que as condenações da dupla foram produto de grave má conduta das autoridades e de um sistema judicial criminal pesado contra pessoas de cor.

A agência France-Presse informou que a revisão do caso surgiu depois de um documentário sobre o assassinato e de uma nova biografia do ativista. Ambos não identificaram os assassinos nem revelaram se houve uma possível conspiração da polícia ou do governo para silenciá-lo.

Ícone da invasão ao Capitólio sentenciado a 41 meses

O seguidor de Donald Trump e autoproclamado “xamã”, que se tornou o ícone da invasão ao Congresso dos Estados Unidos, em 6 de janeiro passado, com seu chapéu adornado com chifres, torso desnudo e rosto pintado, foi condenado a 41 meses de prisão.

A promotoria pedia mais de quatro anos de prisão para Jacob Chansley, 34 anos, que tinha se declarado culpado de invadir o Capitólio junto com centenas de simpatizantes de Trump, na tentativa de impedir que os legisladores certificassem a vitória de Joe Biden nas eleições presidenciais.

Chansley “se transformou na imagem” daquele dia de caos que abalou a democracia americana, disse o juiz Royce Lamberth ao pronunciar a sentença. “O que você fez foi terrível”, acrescentou, sem deixar de levar em conta o “arrependimento” manifestado pelo réu.

Em 6 de janeiro, Chansley, um adepto das teorias conspiratórias do QAnon, invadiu a sede do Senado, sentou-se na cadeira reservada para o vice-presidente Mike Pence e deixou uma nota que dizia: “É só questão de tempo, a justiça se aproxima!”

Originário de Phoenix, no Arizona, o “xamã” foi preso dias depois do incidente e permaneceu detido por dez meses. Em setembro, se declarou culpado de obstruir um ato oficial em um tribunal federal de Washington.

Em 10 de novembro, a promotoria pediu 51 meses (4 anos e 2 meses) de prisão, o que representaria a sentença mais severa ditada contra um participante do incidente de 6 de janeiro, mesmo com a retirada das acusações de violência.

Ao dirigir-se ao juiz, Jacob Chansley afirmou que “não é um criminoso perigoso”, mas que

sofre com “transtornos de personalidade”, dos quais ele deseja se curar para que seja um “homem melhor”. “Não sou um homem violento nem um insurgente e, seguramente, não sou um terrorista. Apenas sou um homem bom que violou a lei”, explicou o réu, assegurando que acredita “na liberdade, no Estado de Direito e na responsabilidade”.

No total, 664 pessoas foram acusadas, em diversos graus, pela participação na invasão do Capitólio, segundo o Programa de Investigação sobre Extremismo da Universidade George Washington.

Saul Loeb/AFP - 6/01/21



Jacob Chansley, o “xamã”: “Sou um homem bom que violou a lei”



Cartão Gás e Cartão Prato Cheio.
Benefícios do GDF
que somam R\$ 350
para ajudar quem
mais precisa.

Esses dois auxílios do GDF contribuem para melhorar a alimentação de até 100 mil famílias do Distrito Federal nesses tempos difíceis em que vivemos.

